Explicação de textos antigos

Testamento de D. Affonso II. — Duas poesias trovadorescas (com uma noticia da poesia provençal). — Notas lexicologicas.

Expliquei tres textos que não inclui no meu livro *Textos Archaicos*, 2.ª ed., Porto, 1907-1908, e por isso aqui os transcrevo e commento. Um é em prosa, dois são em verso.

A) Testamento de D. Affonso II [1]

(Texto do sec. XIII)

Convém fazer algumas observações preliminares.

Quanto á orthographia:

n = ~ : *raina* = raĩa, *asunar* = as(s)ũar, *una* = ũa, *uinir* = uĩir, *sano* = são, *Lisbona* = Lisbõa.

-n = *-m*: *don* = dom.

ni = nh: *senior* = senhor, *ténio* = tenho.

---

[1] O original está na Torre do Tombo (caixa 47 da Livraria, Maço 3 da Mitra de Braga). Foi publicado na *Revista Lusitana*, VIII, 82-84, pelo sr. Pedro d'Azevedo, que o antecede de util prologo. O mesmo Sr. teve a bondade de, a meu pedido, collacionar o texto impresso com o manuscrito, do que resultou melhoria para aquelle; e d'ella aqui me aproveito.

li = lh: *filio* = filho, *molier* = molher, *uália* = valha, *aquelia* = aquelha.

li = lhi, *lis* = lhis.

gi = j: *ágia* = (h)aja, *ségia* = seja, *beigio* = beijo.

z = ç: *Alcobaza, fázam, seruizo, undézima.*

c = z: *facer* = fazer.

Em notas indíco a pronúncia de várias palavras que possam causar dúvida, e algumas poucas alterações que introduzi no texto. As outras alterações consistem em: escrever eu com lettra maiuscula os nomes proprios que tinham lettra minuscula; na l. 8 escrever *infante,* em vez de *Infante;* na linha 113 escrever *A outra* em vez de *a outra,* para manter a symetria. Conservei a pontuação originaria, por obedecer a um plano mais ou menos regular, embora diverso do que hoje adoptamos.

En o nome de Deus. Eu rei don Afonso pela gracia de Deus rei de Portugal. seendo sano e saluo. temẽte o dia de mia morte. a saude de mia alma. e a proe de mia molier raina dona Orraca. e de meus filios. e de meus uassalos. e de todo meu reino fiz mia mãda per que de pos mia morte. mia molier e meus filios e meu reino. e meus uassalos. e todas aquelas cousas que Deus mi deu en poder: sten en paz e en folgãcia. Primeiramente mãdo que meu filio infante don Sancho que ei da raina dona Orraca agia meu reino entegramente e en paz. E ssi este for morto sen semmel: o maior filio que ouuer da raina dona Orraca: agia o reino entegramente e en paz. E ssi filio barõ nõ ouuermos: a maior filia que ouuermos: agia o [1]. E ssi no tẽpo de mia morte meu filio ou mia filia que deuuer [2] a reinar nõ ouuer reuora: segia [3] en poder da raina sa madre. e meu reino

[1] = (h)aja-o.

[2] O ms. tem *deuuer;* o supposto *u* desce um pouco, pelo que parece dever ler-se *deiuer,* e não *deuier.* Entenda-se que o *u* soa *v.*

[3] = seja.

segia en poder da raina e de meus uassalos ata quando agia reuora. E ssi eu for morto: rogo o apostoligo come padre e senior e beigio [1] a terra ante seus péés que el recebia [2] en sa comẽda. e so seu difindemẽto a raina e meus filios. e o reino. E ssi eu e a raina formos mortos: rogoli e pregoli que os meus filios e o reino segiã en sa comẽda. E mãdo da dezima dos morauidíis e dos dĩeiros [3] que mi remaserũ de parte de meu padre que sũ en Alcobaza e do outrauér [4] mouil que i posermos pora esta dezima: que segia partido pelas manus do arcebispo de Bragáá. e do arcebispo de Santiago. e do bispo do Portu. e de Lixbona. e de Coĩbria. e de Uiseu. e de Lamego. e da Idania. e dEuora. e de Tui. e do tesoureiro de Bragáá. E outrossi mãdo das dezimas das luctosas e das armas e doutras dezimas que eu tenio apartadas en tesouros per meu reino. que eles as departiã [5] assi como uirẽ por derecto. E mando que o abade dAlcobaza lis de [6] aquesta dezima que el ten ou tenuer [7]. e eles as departiã segũdo Deus como uirẽ por derecto. E mãdo que a raina dona Orraca agia a meiadade de todas aquelias [8] cousas mouils que eu ouuer a mia morte. exetes aquestas dezimas que mãdo dar por mia alma. e as outras que tenio en uoontade por dar por mia alma. e nonas uuer [9] a dar. Et mãdo que si a raina morrer en mia uida. que de todo meu auer mouil agia ende a

---

[1] = beijo.

[2] Com accento no *e*.

[3] No ms.: *dieiros*.

[4] = outr'auer.

[5] Lêde *departiã*. Idem nas linhas 13 e 28.

[6] «dê».

[7] Assim está no ms. *(tenuer)*, com o *u* um pouco afastado, o que faz ler *teiuer*. Cfr. *tenuerẽ* nas ll. 99 e 108. — O *u* soa *v*.

[8] Assim está no ms., e igualmente na l. 85 (cfr. porém *aquelas* na l. 6). Mais notarei que entre o *i* e o *a* ha um respançado.

[9] = *viier*. Não ha dúvida que o ms. tem *uuer*. O sr. Pedro d'Azevedo diz-me a este respeito: «na terceira haste ha um engorgitamento na parte superior, como tem neste documento alguns *ii* (não todos). Tambem não

meiadade. Da outra meiadade solten ende primeiramente todas mias deuidas. E do que remaser fazam en tres partes. e as duas partes agiã meus filios e mias filias. e departiã se [1] ontreles [2] igualmente. Da terceira o arcebispo de Bragáá. e o arcebispo de Santiago. e o bispo do Portu. e o de Lixbona. e o de Coïbria. e o de Uiseu. e o dEuora fazã desta guisa. que u quer que eu moira quer en meu reino quer fora de meu regno: fazam aduzer meu corpo per mias custas a Alcobaza. E mãdo que den a meu senior o papa .iij. mr. [3] A Alcobaza .ij. mr. por meu ãniuersario. A Santa Maria de Rocamador .ij. mr. por meu ãniuersario. A Santiago de Galicia .ij. ccc. mr. [3] por meu ãniuersario. Ao cabidóó da séé da Idania .mille. mr. por meu ãniuersario. Ao moesteiro de Sangurge [4] .d. mr. [5] por meu ãniuersario. Ao moesteiro de san Uicẽte de Lixbona .d. mr. por meu ãniuersario. Aos caonigos de Tui .mille. mr. por meu aniuersario. E rogo que cada ũu [6] destes ãniuersarios fazam sẽpre no dia de mia morte. e fazam tres comemorazones en tres partes do ano. e cada dia fazam cantar una missa por mia alma por sẽpre. E ssi eu en mia uida der estes ãniuersarios: mãdo que orem por mi come por uiuo ata en mia morte. e depos mia morte fazam estes ãniuersarios e estas comemorazones assi como suso e [7] nomeado. assi como fazem enos outros logares u ia [8] dei meus ãniuersarios. E mãdo que den ao maestre e aos freires dEuora .d. mr. por mia alma. Ao comendador e aos freires de Palmela .d. mr. por mia alma. E mãdo que o que eu der daquesta mãda en mia uida.

---

obsta o não terem plicas as duas vogaes iguaes, porque tal uso tambem não é aqui geral».

1 = depártiã-se.
2 = ontr'eles.
3 = 3.000 moravidis. Cfr. ll. 20-21.
4 = S. Jorge.
5 = 500 moravidis.
6 No ms. *uu*.
7 «é».
8 = já.

que nono busque nengũu [1] de pos mia morte. E o que remaser daquesta mia tercia: mãdo que segia partido igualmẽte en cinque partes. das quaes una den a Alcobaza u mando geitar meu corpo. A outra ao moesteiro de Santa Cruz. A terceira: aos tẽpleiros. A quarta: aos espitaleiros. A quinta den por mia alma: o [2] arcebispo de Bragáá. e o [2] arcebispo de Santiago. e os [2] cinque bispos que suso nomeamos. segũdo Deus. E den ende aos oméés dordin [3] de mia casa e aos leigos a que eu nõ galardoei seu seruizo: assi comeles [4] uirem por guisado. E as outras duas partes de toda mia meiadade segiã departidas igualmente ontre meus filios e mias filias que ouuer da raina dona Orraca. assi como suso e [5] dito. E mãdo que aqueste auer dos meus filios que o teniã [6] aquestes dous arcebispos cũ aquestes cinque bispos ata quando agiã reuora. E a dia de mia morte se algũus [7] de meus filios ouuerẽ reuora: agiã seu auer. E dos que reuora nõ ouuerẽ: mãdo que lis teniã seu auer ata quando agiã reuora. E mãdo que quen quer que tenia meu tesouro. ou meus tesouros a dia de mia morte: que os de [8] a departir aquestes [9] dous arcebispos e aquestes [9] cinque bispos. assi como suso e [10] nomeado. E mãdo ainda que se sasunar [11] todos nõ poderem ou nõ quiserẽ: ou descordia for ontraquestes [12] a que eu mãdo departir aquestas dezimas suso nomeadas: ualia [13] aquilo que mãdarẽ os

---

1 No ms. *nenguu*.
2 *o* vale por «ao» e soava *ô* ou *ó*. Analogamente *os*.
3 = omẽes d'ordin.
4 = com'elles = com(c)elles.
5 «é».
6 Com accento no *e* (= *ténhã*). Idem nas ll. 77 e 78.
7 No ms. *alguus*.
8 «dê».
9 = *àquestes* «a aquestes».
10 «é».
11 = s'asunar = s'assũar.
12 = ontr'aquestes.
13 = *válha*. Idem na l. 87.

chus muitos per nõbro. Outrossi mando daqueles que mia mãda
an a departir. ou todas aquelias [1] cousas que suso sũ nomeadas.
que si todos nõ se poderẽ assunar ou nõ quiserem. ou descordia
for outreles: ualia aquilo que mãdarẽ os chus muitos per nõbro.
Mando ainda que a raina e meu filio ou mia filia que no meu
logar ouuer a reinar se a mia morte ouuer reuora. e meus uas-
salos. e o abade dAlcobaza sen demorancia. e sen contradita
lis den toda mia meiadade. e todas as dezimas. e as outras cou-
sas suso nomeadas. e eles as departiã assi como suso e [2] nomeado.
E ssi a mia morte meu filio ou mia filia que no meu logar ouuer
a reinar nõ ouuer reuora: mãdo empero que aquestes arcebis-
pos e aquestes bispos departiã todas aquestas dezimas e todas
aquestas outras cousas. assi como suso e nomeado. e a raina e
meus uassalos. e o abade sen demorãcia e sen contradita lis den
toda mia meiadade. e todas as dezimas e as outras cousas que
teuerẽ [3]. assi como suso e [4] dito. E ssi dar nõ li as quiserem:
rogo [o]s [5] arcebispos e os bispos comeu [6] en eles confio. que
eles o demãdem pelo apostoligo. e per si. E rogo e prego meu
senior o apostoligo e beigio a terra ante seus péés que pela sa
santa piadade faza aquesta mia mãda séér cõprida. e aguardada.
que nengũu [7] nõ agia poder de uinir contra ela. E ssi a dia de
mia morte meu filio ou mia filia que no meu logar ouuer a rei-
nar nõ ouuer reuora. mãdo aqueles [8] caualeiros que os castelos
teen de mi e nas terras que de mi teem os meus riquos oméés:
que os den a esses meus riquos oméés que essas terras teuerẽ.
E os meus riquos oméés denos a meu filio ou a mia filia que no

---

1 Cfr. a nota 8 de pag. 71.
2 «é». Idem na l. 96.
3 Cfr. a nota 7 de pag. 71, e vid. infra, l. 108.
4 «é».
5 O pergaminho está roto antes do *s*.
6 = com'eu.
7 No ms. *nenguu*.
8 Talvez por *àquelles*.

meu logar ouuer a reinar quando ouuer reuora. assi como os dariã a mi. E mandei fazer treze cartas cũ aquesta tal una come outra. que per elas toda mia mãda segia cõprida. das quaes ten una o arcebispo de Bragáá. A outra: o arcebispo de Santiago. A terceira: o arcebispo de Toledo. A quarta: o bispo do Portu. A quinta: o de Lixbona. A sexta: o de Coïbria. A septima: o dEuora. A octaua: o de Uiseu: A nouea [1]: o maestre do Tẽplo. A dezima: o prior do espital. A undezima: o prior de Santa Cruz. A duodecima: o abade dAlcobaza: A tercia dezima: facer guarda en mia reposte. E forũ feitas en Coinbria .iiij.^{or} [2] dias por andar de Junio. Era. M.^{a} CC.^{a} L^{a}ij^{a}.

No verso: Testamentum Regis domini Alfonsi secundj.

COMMENTARIO

1. *gracia* = graça. Castelhanismo, ou latinismo.

2. *seendo* < se(d)endo, gerundio do verbo sedere, que no latim lusitanico substituiu algumas das fórmas de esse.

sano e saluo = são e salvo. Frase allitterante. Noutras lingoas: *sain et sauf* em francês, *sano e salvo* em italiano, *sano y salvo* em hespanhol. Tudo do latim sanus et saluus. Para tornar mais expressivas certas ideias, a lingoa serve-se ás vezes de rhythmo; a este junta-se não raro synonimia, como aqui, visto que *são* e *salvo* exprimem ideias semelhantes.

temente o dia «temendo (receando) o dia». Na origem *temente* é participio do presente: latim timens, timentem. O participio do presente latino conservou-se na nossa lingoa archaica, segundo se vê d'este exemplo; hoje na lingoa corrente substituimo-lo pelo gerundio. Todavia ficaram alguns vestigios

[1] Assim está no ms.; póde ser realmente *novea*, ou *novẽa*.

[2] = *quatuor (quattuor)*.

do uso antigo d'aquelle participio: *tememte a Deus* «que teme a Deus», *tirante isso* etc. [1].

mia «minha». Vid. supra, pag. 55.

3. *a saude* «para salvação»; *a* é o lat. ad, na fórma e no significado.

3-4. *a proe* «para proveito», «para utilidade».—De *a* < ad fallei na nota anterior. Acerca de *proe,* palavra que está representada tambem noutras lingoas romanicas, com varios sentidos (italiano *prode,* francês *preux,* etc.), vid. Körting, *Lateinisch-romanisches Wb.,* s. v. prode; com ella se liga *proeza.*

molier = molher. A boa graphia d'esta palavra é com *o,* como aqui está, e não com *u,* como hoje escrevemos. De facto o *u* do latim mulierem era breve, e deu normalmente *o:* cfr. provençal *moiller,* italiano *mogliére* (a par de *moglie).* O uso de *mulher,* com *u,* data de ha pouco tempo; na nossa antiga litteratura o geral é *molher,* e assim traz ainda Bento Pereira (sec. XVII) na *Prosodia* e no *Thesouro da lingua portuguesa.*

mia molier raina dona Orraca. Nota-se aqui a omissão do artigo definido antes do titulo *raina,* que serve de apposto syntactico a *molier.* Analogamente temos na l. 8 *meu filio infante don Sancho.* Em ambos os casos diriamos hoje «a rainha», «o infante». Quando *raina* não serve de apposto (l. 31-32), ou vem com a proposição *de* (l. 8), o nosso texto apresenta o artigo.

5. *mãda* «testamento». O substantivo *manda* foi tirado do thema do verbo *mandar,* como *roga* (de *rogar), rega* (de *regar), entrega* (de *entregar):* taes substantivos chamam-se verbaes, e fiz um estudo d'elles nos meus *Respigos Camonianos,* I (Lisboa, 1904), 41 ss. O verbo *mandar* vem do latim mandare, que significa «recommendar». Numa inscripção

---

[1] Vid.: Evaristo Leoni, *Genio da ling. port.,* I, 219-220; Adolfo Coelho, *Theoria da conjugação,* pag. 127; os meus *Estudos de Philologia mirand.,* I, 367, nota; [e Julio Moreira, *Estudos da ling. port.,* I, 92 ss.].

romana da Iberia lê-se: *heredibus..mando..ut* [1]. Da ideia de «mandar em testamento» nasceu a de «testar», «legar», que tambem em castelhano está contida em *mandar*. Segundo diz Viterbo, *Elucidario*, s. v.: «*manda* no sec. XIII e XIV era synonimo de testamento; depois se tomou por tudo o que o testador manda e determina além do seu testamento no codicillo. Propriamente a *manda* he *legado*». Num testamento de 1450 lê-se «sabam quantos esta *manda* e *testamento* virem, que eu..» [2]. São de certo palavras synonimas da lingoagem tabellioa, pois é natural que *testamento* concorresse no uso com *manda*, antes de substituir esta palavra. A synonimia está mais declarada num documento de 1178: *karta mandationis seu testamenti* [3]. Como illustração do assunto direi que *manda* ainda hoje em algumas regiões se usa, segundo creio, em sentido de «testamento», e que a mesma palavra em Valpaços significa «pedido de dinheiro para festas religiosas» [4]; *mandar* no Norte de Tras-os-Montes, tem, além da sua accepção usual de «ordenar», a de «offerecer (dinheiro)», quando se trata de negocios [5]. Tudo isto são casos de Semantica (cf. pag. 4).

per que de pos: «para que depois de». Da particula antiga *per* (lat. per) restam ainda vestigios em frases estereotypadas, como: *de per si, de per meio, pelo*=per lo. Hoje já não dizemos usualmente *de pos*, mas dizemos ainda *após, empós* em certas locuções; lat. post (cf. pag. 33).

mi «me»: vid. pag. 52.

7. *en poder:* «em posse», «para eu dispôr», «para eu governar».

sten=*estem* «estejam». Do latim stent. O antigo conjun-

---

[1] Vid. *Corpus Inscr. Latin.*, II, 2146.

[2] Da collegiada de S. Estevão de Valença, na Torre do Tombo.

[3] *Revista de Guimarães*, VI, 75.

[4] *Revista Lusitana*, II, 258 (J. de Castro Lopo).

[5] *Rev. Lusitana*, II, 108.

ctivo *estê, esteis, estêm,* etc. continuou a viver até tarde, pelo menos até o seculo XVI, pois é ainda usado por Sá de Miranda [1], Duarte Pacheco [2], Camões [3]. Como ha grande conformidade de emprêgo entre os verbos *ser* e *estar* (e antigamente ella era ainda maior), o conjunctivo d'aquelle influiu no d'este, e fez-se *esteja* por analogia com *seja.* A analogia exerce grande influencia nas fórmas verbaes. É pelo mesmo principio que o povo de Sul diz *stom* em vez de «estou», pois que diz *som* «sou». É tambem por analogia com *está,* do lat. stat, que explico *é,* do lat. est, em hespanhol *es:* isto é, como a *estás* corresponde *está* (a *dás* corresponde *dá,* a *vês* corresponde *vê),* tambem a *és* se fez corresponder *é.* O povo diz em muitas partes *estemos,* no indicativo, por analogia com *semos* «somos»; *semos,* pelo seu lado, resulta de influencia de outros verbos da 2.ª conjugação *(vemos, temos).*—Do uso de *ser* (ou *seer)* por *estar* na lingoa archaica ha innumeros exemplos; basta abrir ao acaso qualquer livro antigo: «e sabees que ha tantos meses que lá *he*» [4]; «ouue recado certo como os Castellaãos *eram* antre Arrayolos e o Vimieyro» [5]; «Deus, que inda *see* onde *seía*» [6]; «*sou* contente de lhe responder» [7]. D'este archaismo conserva-se lembrança em frases actuaes, como: «Lisboa *é* na Extremadura» por «está» ou «fica».

---

1 *Obras,* ed. de D. Carolina Michaëlis, pag. 910.

2 *Esmeraldo,* ed. de Epiphanio Dias, pag. 163.

3 Por exemplo, entre outros, no soneto 54 da ed. de Hamburgo:

> Mas como póde ser que na mudança
> D'aquillo que mais quero, *estê* tão fóra
> De me não apartar tambem da vida?

4 Azurara, *Chronica de Guiné,* cap. 32 (pag. 163).

5 *Chronica do Condestabre,* Porto, 1848, cap. 34 (pag. 109).

6 *Obras* de Sá de Miranda, ed. de D. Carolina Michaëlis, pag. 390, nota.

7 Jorge Ferreira, *Comedia Ulysippo,* Lisboa, 1787, pag. 277.

folgãcia «folgança», «descanso», «tranquillidade». Esta palavra, que vem de *folgar,* tem *-ancia,* em vez de *-ança,* ou por latinismo *(-antia),* ou por hespanholismo: cf. *folgançia* no *Livro de Alexandre,* v. 268, ed. de Janer.—Na frase *en paz e en folgãcia* os dois substantivos são quasi synonimos. A synonimia era um dos meios de vivificar mais o estilo na lingoa antiga [1].

8. *meu filio infante don Sancho.* Vid. ll. 3-4.

ei=*(h)ei* «tenho». A lingoa antiga fazia muito uso de *(h)aver* no sentido do moderno «ter»: vid. exemplos no *Diccionario* de Moraes.

9. *ágia*=(h)aja «tenha». Vid. o commento anterior.

entegramente «integramente», «inteiramente». Hoje escrevemos com *in-,* mas a lingoa antiga usava *en-,* porque integer em latim tem o *i* breve, que deu *e* (vid. supra, pag. 31). Além d'isso a tendencia geral da lingoa antiga nas palavras de origem popular, ou que se tornaram muito populares, é usar *en- (em-),* e não *in- (im-)*: *endiva, enfermo, engenho, entrudo, enviar, embude,* palavras cujos etymos tem *i-*. A par de muitas palavras que hoje se escrevem com *i,* os textos antigos tem *e,* como: *encendio, encorrer, enculcar, enfusa, enjuria, entento, enveja.* Se por um lado escrevemos *inferno,* por outro lado temos nos textos *enfermeira;* se dizemos *inquirir,* os antigos diziam *enquerer.* Da palavra *infante* ou *iffante* não conheço fórmas com *e-:* todavia o francês tem *enfant,* e o provençal *enfantz,* onde *e-* representa o *i-* de infantem. Igualmente *inchar,* do latim inflare, não apresenta *e;* aqui influe a flexão rhizotonica *(incho, inchas, incho, inche* etc.); sem embargo outras lingoas romanicas tem *e,* como o provençal *(enflar),* o francês *(enfler),* o ladino *(enflar).* Onde *in- (im-)* se mantém melhor é nos adjectivos compostos que exprimem negação do simples: *infeliz,*

[1] [Citei muitos exemplos na *Revista Lusitana,* IX, 64, nota].

ingrato, improprio; aqui porém poderemos citar exemplos de *e,* como *endino* num texto do seculo XVI [1]; em todo o caso esse uso de *in-* é de origem litteraria. Por outro lado o prefixo latino in- (im-) deu em português corrente sempre *en- (em-): encarar, encordoar, emmalar, empobrecer;* escrever, por exemplo, *impedrar,* em vez de *empedrar,* é incorrecto, porque essa palavra vem de *pedra,* com o prefixo português *em- (en-).*—Os dialectos procedem de muitos modos quanto á representação do in- (im-) latino [2].

ssi «se». Do latino sĭ. A conservação do *i* é mero latinismo ou hespanholismo; na pronúncia já elle então se havia mudado em *e,* pois na *Noticia de torto,* que é mais antiga que o testamento que estou analysando [3], e neste mesmo texto (ll. 75, 81, 89), ha *se.* O *ī* mantem-se geralmente em português (vid. pag. 31), mas aqui mudou-se em *e,* por si ser proclitico, isto é, empregado sempre antes de outra palavra, o que tornou atono o *i,* e preparou o terreno para elle ensurdecer em *e.* Ha linguoas romanicas que procedem como o português, outras conservam o *i:* o italiano, por exemplo, tem *se;* o hespanhol, como disse, tem *si.*—Quanto á duplicidade do *s* no principio, é ella frequente na nossa antiga orthographia.

10. *for morto* «for fallecido».

semmel=sémel «descendencia». Do latim semen, que, além da sua significação primaria de «semente», tem a secundaria de «gèração». O grupo M'N dissimilou-se em *m-l,* como por outro lado N'M se dissimilou em *l-m,* o que se vê em *alma*<an(i)ma, pop. *Jerolmo*<*Jeron(y)mo*<Hieronymus. Deve notar-se que o latim semen entrou por via ecclesiastica: cf. as expressões *semen Abrahae, semen David,* como já notou

---

[1] *Archivo Hist. Port.,* IV, 55 *(ēdina).*

[2] Vid. *Esquisse d'une Dialectologie,* pag. 100.

[3] João Pedro Ribeiro, *Dissertações,* I, 274 e 275.

Schuchardt [1]; se semen evolucionasse do latim vulgar da Lusitania, o *-n* ter-se-hia transformado de outro modo.

o maior filio «o filho mais velho (a seguir)». Cf. em hespanhol *hijo mayor*.

11-12. *ssi filio barõ nõ ouuermos*. Ordem inversa. A directa seria: «se não houvermos filho varão». A ordem inversa foi provocada pela ideia de «filho maior», expressa antes; começou-se o periodo pelas palavras que se julgavam mais importantes.

barõ = *barom*. Em português antigo dizia-se *barom (barão)* no sentido do moderno *varão* e do latim «vir» [2]; hoje reserva-se *barão* principalmente para se exprimir um titulo nobiliarchico [3]. — Tambem em port. ant. ha *varom*.

nõ = *nom* «não». Do latim non, cujo *n* se manteve transformado em resonancia nasal. O castelhano moderno supprime o *-n* e diz *no*. O italiano occupa meio termo, pois diz *non* em próclise, e *no* em pausa. A negação costuma ser expressa de modos variados, conforme é proclitica ou não: agora citei o italiano; o francês diz *ne* e *non;* na propria lingoagem popular e familiar de Portugal ha differenças: *num, nu, nã,* em próclise, *não, nõu* em pausa [4].

13. *deiuer* ou *deuier* «devier» [5]. Futuro do conj. de *deviir* ou *devĩir* «vir por fim», «acontecer», «succeder», «chegar» (como *teiver)*. Cf. hesp. e fr. *devenir*. Lat. devenire.

14. *reuora* = *revora* «idade», «puberdade», «maior idade». Cf. estes textos medievaes: «e deue aauer huum anno e huum

---

[1] Na *Zeitschrift für rom. Philolog.*, XXIX, 452.

[2] Cf. o principio dos *Lusiadas:* «As armas e os *barões* assinalados».

[3] Acerca do etymo vid.: Körting, *Lat.-rom. Wb.*, s. v. «baro», e Meyer-Lübke, *Romanische Namenstudien*, I, Vienna, 1904, pag. 85.

[4] *Esquisse d'une Dialectologie*, pag. 142.

[5] Em textos antigos ha *ueenr* = vẽer, e ha tambem *veer* e *veher*. Cfr. *viere* num texto raiano do sec. XII, em latim *(Leges*, pag. 380).

dia depois que forem de *rreuora comprida* [1] para demandarem o herdamento»; «e o meninho he de *rrevora* de XIIII anos, e a meninha de XII anos» [2]. A par de *revora* ha tambem *robora,* e assim vem na redacção latina d'este testamento [3]. Além da accepção indicada, *revora (rebora, robora)* tinha outras: certo donativo que validava os contractos; e outorga ou confirmação [4]. A última é que é a primordial.

Quanto ao modo de pronunciar *revora,* e as suas differentes fórmas, notarei que geralmente se diz e accentúa *révora (rébora)* e *róbora,* mas eu, em virtude do que vou dizer, supponho que deve ser *revóra (rebóra)* e *robóra.* Com quanto a base primeira de todas estas palavras seja o latim robur, -ŏris (do genero neutro), «carvalho», «fôrça», e fosse tentador deduzir o port. *robora* (pronunciado *róbora)* do plural latino robŏra [5] (por isso que ha muitos pluraes neutros que em romanço se tornaram nomes femininos do singular), tal deducção é inacceitavel, porque ao lado de *robora* temos *rebora,* e, se se dissesse *róbora,* a syllaba accentuada *ró-* não se mudava em *ré-* para dar *rébora.* Temos pois de seguir outro caminho. De robur fez-se em latim roborare «consolidar», «confirmar». A roborare corresponde em português antigo *roborar,* e com dissimilação *reborar:* analoga dissimilação se observa em *Reboredo,* nome de um sitio no concelho de Ponte da Barca, o qual vem de *Roboredo*<roboretu-, e em *Reboreda,* nome de outro sitio no concelho de Guimarães, o qual vem de *Roboreda*<roboreta-. Ora eu con-

---

[1] *Comprida* «completa».

[2] Citados por Cortesão, *Subsidios para um Dicc.,* s. v. — Vid. tambem o *Dicc.* de Moraes, e o *Elucidario* de Viterbo, s. vv.

[3] Vid. *Provas da Hist. Genealogica,* t. I, pag. 34. O mesmo testamento foi publicado na *Monarchia Lusitana,* pt. IV.

[4] Viterbo, *Elucidario,* s. v.

[5] Creio que é essa a ideia com que se diz no *Glossarium* de Du Cange, s. v., citando-se a *Monarchia Lusitana: «robora* aetas legitima, maioritas: cum scilicet ad robur pervenit minor».

sidero *robora* e *rebora* substantivos verbaes de *roborar* e *reborar:* cf. *esfréga,* de *esfregar; entréga,* de *entregar; descásca,* de *descascar.* A pronúncia é pois *robóra* e *rebóra.* Ainda que *rebóra* podia sair directamente de *robóra,* o mais simples é admittir que cada substantivo se relaciona com seu verbo, isto é: *rebóra* com *reborar;* e *robóra* com *roborar.* Nesta demonstração abstráio do *v* por *b,* pois tal phenomeno é muito conhecido.

Convém saber que em hespanhol ha *robra* «escritura ó papel autorizado para la regularidad de las compras y ventas» [1]: á primeira vista *robra* dará apoio aos que pronunciam *róbora;* comtudo explico essa palavra tambem como substantivo verbal, pois que em hespanhol ha *robrar,* que vem de *roborar.* Ao passo que o português praticou dissimilação em *roborar,* fazendo *reborar,* o hespanhol praticou syncope, e fez *robrar,* como tambem a fez em *Robredo* e *Robleda* [2], nomes topographicos. Ha parallelismo entre as duas lingoas peninsulares:

Latim	Português		Hespanhol
roborare	*roborar*	*reborar*	*robrar*
Roboretu-	*Roboredo*	*Reboredo*	*Robredo*
Roboreta-	*Roboreda*	*Reboreda*	*Robleda.*

Póde objectar-se-me que, assim como se diz *rúbrica* (verbo *rubricar), réplica* (verbo *replicar),* tambem era de esperar *rébora* (verbo *reborar)* e *róbora* (verbo *roborar).* Em primeiro lugar responderei que não era de esperar, porque os substantivos verbaes que se esperam de *reborar* e *roborar* são *rebóra* e *robóra,* em conformidade, segundo já disse, com *entréga* (de *entregar)* e *esfréga* (de *esfregar).* Em segundo lugar: *rúbrica* e

---

[1] *Dicc.* da Academia Hespanhola.

[2] *Robleda* está em vez de *Robreda* (dissimilação); cfr. *roble,* a par de *robre,* em hespanhol commum.

réplica tem explicação especial. *Rúbrica* não é pronúncia boa, nem de todos; o correcto é *rubrica,* ou se attenda ao verbo *rubricar,* ou ao latim rubrīca [1]. Pelo que toca a *réplica,* notarei que, visto haver de um lado *crítica—criticar, fábrica—fabricar, prática—praticar* (lat. critĭca, fabrĭca, practĭca)[2], e do outro o verbo *replicar* (lat. replĭcare), se disse por analogia prosodica *réplica,* em vez de *replíca.* Por esse modêlo se fez *tréplica.* São palavras esdruxulas e terminadas em *-ĭca;* e todas de origem litteraria [3]. Tanto os Hespanhoes como os Ita-

---

[1] Cfr. o meu opusculo *As «Lições de linguagem» do sr. C. de F.* (análise crítica), 2.ª ed., pag. 34-35.

[2] Cfr. além d'isso: *prédica—predicar, súpplica—supplicar;* e como substantivos masculinos com seus verbos: *cáustico—causticar, médico—medicar, tráfico—traficar.* O substantivo *magnífica* não pertence a esta classe, porque não é mais que o verbo latino magnificat que S. Lucas, *Evangelho,* I, 46, põe na boca da Virgem Maria: *Magnificat anima mea Dominum,* verbo que depois se tornou nome de uma oração. Ha outros substantivos que não passam de verbos latinos, como: *récipe* («um *récipe*»), imperativo de recipere; *hábitat* («o *hábitat* de uma planta»), presente indicativo de habitare; *déficit* («o *déficit*»), presente indicativo de deficere «faltar». —A propósito de *tráfico,* citado acima, observarei que a fonte d'esta palavra como das suas congeneres *tráfico,* em hespanhol, e *trafic,* em francês, é o italiano tráffico, que tem como verbo *trafficare,* formado certamente do latim trans+-ficare (do suffixo -ficus). De *tra(n)sficare veio tambem o nosso antigo verbo *trasfegar,* com as suas variantes *tresfegar* e *trafegar,* pela conhecida correspondencia de *trans-, tras-, tres-, tra-* (cfr. *Transmontano, Trasmontano, tresmudar, tramontana*: já em latim *traveho* a par de *transveho, tramitto* a par de *transmitto, traversarius* a par de *transversarius,* etc.); a *trasfegar* e *trafegar* correspondem os substantivos verbaes *trasfêgo* e *trafêgo:* cfr. *arremêdo—arremedar, conchêgo—conchegar, estrago—estragar.*

[3] A palavra *fábrica* tem como correspondente na linguagem popular *frágoa* «forja de ferreiro», por intermedio de *frávega* e **frágova.* A villa de *Frágoas,* na Beira, tira d'ahi o seu nome: vid. *Elucidario* de Viterbo, s. v. «Frávegas». Hoje *frágoa,* no sentido indicado, não se usa em todo o país; substitue-se-lhe mais geralmente *forja,* do francês *forge,* que vem tambem do lat. fabrica, mas por outro caminho, pois as leis do francês não são as

lianos dizem analogamente a nós: *réplica* e *rúbrica,* bem como *crítica, fábrica—fábbrica, práctica—prática, prédica, súplica —súpplica,* com verbos correspondentes: *criticar—criticare, fabricar—fabbricare* etc. Em italiano o pronunciar-se *réplica* e *rúbrica* está de accôrdo com a morphologia, pois que os verbos *replicare* e *rubricare* se conjugam respectivamente *réplico, réplichi, réplica,* e *rúbrico. rúbrichi, rúbrica,* ao passo que em português é *replíco, rubríco.* Em hespanhol, onde ha *cónclave, hipógrifo, intérvalo* [1], e outros proparoxytonos em vez de paroxytonos, tambem *réplica* e *rúbrica* não destoam do gôsto do público. Para justificar a prosodia de *réplica, rúbrica,* e parallelamente de *prédica* (o verbo *predicar,* embora em latim se diga na 3.ª pessoa praedĭcat, pedia em português *predíca),* e *súpplica* (o verbo *supplicar,* embora em latim se diga supplĭcat, em português pedia *supplíca),* ha ainda até certo ponto outra razão geral, qual é a confusão que algumas vezes se estabeleceu entre os suffixos e terminações -īcus e -ĭcus [2]: é assim que o Sardo diz *léttiga* (lat. lectīca), o Hespanhol diz *lóriga* (lat. lorīca), *púdico* (lat. pudīcus), *vértigo* (lat. vertīgo), o Hispano-Americano diz *cólega* e *méndigo* [3]. Por terem confundido tambem a terminação *-ímo* de *opímo* (lat. opīmus) com a dos superlativos (por exemplo *óptimo* < lat. optĭmus) é que alguns

---

mesmas que as do português. Dão-nos pois *frágoa* e *forja* um exemplo de palavras allotrópicas ou divergentes, de que fallei a pag. 23.— Como replicare, de que se tirou *replicar,* é formado de re+plicare, posso accrescentar que a fórma popular d'este verbo é *chegar,* pela mudança do PL- em *ch-* (vid. pag. 33) e -C- em *-g-* (vid. pag. 33). Comprehende-se que da ideia de plicare «dobrar», «enroscar-se», se passasse para a de «chegar», tendo-se em mente o latim *applicare* (=ad+plicare) «arrimar», «encontrar», «aproximar-se». É um caso de Semasiologia ou Semantica (cf. pag. 4).

[1] Citados por Menéndez Pidal, *Gram. hist. esp.,* 2.ª ed., pag. 29, nota.

[2] Meyer-Lübke, *Gram. des lang. rom.,* I, § 605.

[3] R. J. Cuervo, *Apuntaciones sobre el lenguage bogotano,* Paris, 1907, pag. 7 e 13.

Hespanhoes dizem erroneamente *ópimo*. Apesar porém de quaesquer principios philologicos que possam invocar-se, porque os phenomenos da lingoagem, como todos os mais phenomenos, provém sempre de causas (claras ou obscuras), deveremos, quando uma pronúncia etymologicamente inexacta não se aclimou ainda inteiramente, e uns proferem as respectivas palavras de uma maneira, e outros de outra, regular-nos pela melhor pronúncia: diremos pois *rubrica,* e não *rúbrica*. Pelo contrário, não podemos mudar *réplica* em *replica* (apesar de ser esta a fórma rigorosa pedida pelo verbo *replicar),* por isso que *réplica* já se aclimou; do mesmo modo havemos de nos agüentar com *oceâno,* comquanto lhe corresponda em latim oceănus [1]. Se não fosse a persistente influencia das maiorias, devida a condições de vária especie (physiologicas, psychologicas, sociaes), e assim que se manifestasse um phenomeno glottico d'encontro ao uso preestabelecido, o atabafassem para logo os puristas, corresponderia a cada uma das actuaes familias lingüisticas apenas um idioma, sem dialectos nem variedades; cada povo fallaria uniformemente, como a lenda ensina que fallavam os herdeiros de Adão até os bons tempos da Torre de Babel. Evoco a Torre, porque ella para a Glottologia é como que um symbolo, não só concreto, mas bem explicito, d'aquella contínua e effervescente actividade ethnica d'onde resultam as transformações da lingoagem.

Aos argumentos que produzi para justificar a pronúncia de *rebóra* e *robóra* juntarei mais um. Se taes palavras se proferissem esdruxulas, era mais que provavel que a parte postonica se modificasse, em vez de se conservar nitida, visto que ellas tiveram grandissimo uso. Existem effectivamente com terminação analoga palavras que apresentam mudanças nella, por exemplo: *vibora,* que na bôca do povo soa *vibra* [2]; *Evora,* que soa

---

[1] Ha quem diga *púdico,* á maneira hespanhola. É erro facilmente evitavel. Por outro lado, não deve dizer-se *aulico,* mas *áulico* (lat. aulicus).

[2] Monte Carmelo, *Orthographia,* pag. 713.

Evra [1]; *arvore,* que soa *arvre* e *arve* [2]; *abobora,* que soa *abobra;* e assim por diante [3].

Resta agora saber como é que da ideia de «confirmação» contida em *rebora* se passou para a de «maior idade», «idade». Provavelmente, quando se dizia que alguem era *de revora,* queria dizer-se que já estava em *idade de revorar* contractos; e esta ideia, a princípio restricta, generalizou-se depois, com a correspondente palavra. Tambem tenho ouvido: *F. é de confissão* ou *de communhão* por «está já em idade de se confessar» ou «de commungar»; aqui porém as palavras *confissão* e *communhão* mantiveram-se na accepção propria. Cfr. «Fulana é já *casadoira*»,—está em idade de poder casar. Não faltam outros parallelos. *Ter barbas na cara* significa ter já a idade em que ha barba. Cfr. Bluteau: «BARBAS,—idade, annos: *estas barbas não fazem isto,* ou *hum homem com estas barbas não faz isto*» [4], e em hespanhol: «*tener poca barba:* .. pocos años ó poca experiencia» [5]. De ser a barba caracter frisante da virilidade masculina vem o dizer-se em rumeno *bărbát* (lat. barbatus) por «homem». E tanto a palavra de que estou fallando calou no animo dos povos, que do sentido de «virilidade» se subiu á de «dignidade» e «nobreza». Os Allemães tem um proverbio que reza: *Der Bart wackert den Mann* «a barba faz valente o homem», e nós outro analogo: *Queixadas sem barba || não*

---

[1] Assim ouvi no concelho de Alcacer etc. com relação a Evora cidade. E tambem assim se diz no concelho de Obidos com relação a Evora d'Alcobaça.

[2] *Rev. Lusitana,* II, 42 e 43. São fórmas vulgarissimas.

[3] Sei perfeitamente que de palavras graves ou paroxytonicas o povo faz muitas vezes esdruxulos ou proparoxytonos: de *Cesar* faz *Zêzaro,* de *casca* faz *cascara:* vid. D. Carolina Michaëlis no *Bulletin Hispanique,* VII, 194 ss. Ha como que contínua oscillação nas terminações. Em *rebora,* porém, e em *robora* não houve nenhuma.

[4] *Vocabulario,* II, 44.

[5] *Diccionario de la Academia,* s. v.

merecem ser honradas [1]. Com esta qualidade que de tão boa mente se descobriu nas barbas se relaciona o estranho rasgo de D. João de Castro, que, por não possuir certa quantia de que precisava para reedificar Dio, arrancou uns pelos da cara, e empenhou-os á camara de Goa, em guisa de fazenda valiosa [2]. E se á barba, considerada assim em geral, se dá tanto aprêço, muito mais se dá quando ella é branca, isto é, quando está na cara de um velho, ou de alguem que caminha para a velhice: *A caãs honradas || não ha portas fechadas* [3].

Voltemos porém propriamente á explicação do testamento de Affonso II, da qual me afastei algo, visto que pela natureza do meu posto, não estou expondo methodicamente uma doutrina, mas fallando um tanto ao sabor da successão das ideias.

seja en poder. O sujeito é *meu filio ou mia filia* (l. 13). Quando os sujeitos do singular estão ligados pela conjuncção *ou*, o predicado vae em regra para o singular, como aqui.

sa «sua». Vid. pag. 55.

madre «mãe», do latim matre-. Analogamente na l. 16 *padre* «pai», do latim patre-. Estas duas palavras deixaram de se usar, na sua accepção primitiva, depois dos sec. XV-XVI, mas conservaram-se de modo restricto no sentido de «utero» (madre) e «ecclesiastico» (padre), e em algumas expressões estereotypadas, como *Santa Madre Igreja, madre abbadessa, Madre de Deus, Padre Nosso,* bem como nos compostos *comadre* <*com-matre-, e *compadre*<*com-patre-; os respectivos themas conservam-se em *madrinha*<*matrina-, e *padrinho* <*patrinu-. De *madre* e *padre* passou-se para *mãe* e *pai,* provavelmente por influencia da lingoagem infantil: **made, *pade* [4]. Entre **made* e *mãe* houve *mae,* conservado ainda em

---

[1] *Adagios* de Rolland, Lisboa, 1780, pag. 35.

[2] Jacintho Freire, *Vida de D. João de Castro*, Paris, 1779, pag. 320.

[3] *Adagios* de Rolland, Lisboa, 1780, pag. 50.

[4] *Evolução da linguagem*, Porto, 1886, pag. 74.

gallego e mirandês *(mai);* em *mãe* o *a* foi nasalado pelo *m* inicial,—cf. *mũito*<*muito, mim*<*mi.*

15. *ata*=*atá* «até». [Vid. *Revista Lusit.,* IX, 11].

16-17. *ssi eu for morto.* Tem o sentido de «quando eu for morto», «quando eu tiver morrido».

rogo o apostóligo..que. O verbo *rogar* está construido á maneira latina: *te rogo..ut,* a não ser que *o* esteja por *ó* «ao», visto que hoje diriamos: *rogo ao apostóligo..que.* Na lingoagem provinciana (Beira etc.) *rogar* é comtudo transitivo, no sentido de «convidar gente para o trabalho campestre».

apostóligo «pápa». Vid. Viterbo, *Elucidario,* s. v.—Tambem antigamente se dizia em hespanhol *apostóligo* e *apostólico* no mesmo sentido, e em italiano *appostólico.*—Lat. apostolicu-.—Cf. provençal *apostóli,* e em francês archaico *apostoile,* um e outro porém de *apostoliu-.

come «como». Acerca d'esta palavra vid. J. Vising nas *Abhandlungen Herrn Tobler..dargebracht,* Halle, 1895, pag. 113 ss. A par de *come,* aqui e nas ll. 55 e 111, o manuscrito tem *como* (ll. 29, 31 e 58).

péés «pés». Os antigos costumavam plicar duas vogaes seguidas como aqui. Os *éé* são etymologicos: lat. pe(d)es.

el «elle». De *elle* passou-se para *el,* como na lingoagem usual se passou de *valle* para *val.* Em Tras-os-Montes (Norte) diz-se *el,* pl. *eis* [1]; cfr. *val,* pl. *vaes* ou *vais* na Extremadura.

recébia «recebia». Cfr. lat. recĭpiat.

17-18. *en sa comẽda:* «sob a sua encommendação ou guarda». *Commenda* é nome verbal correspondente a *commendar:* lat. commendare «entregar», «recommendar».

no seu difindemento: «sob a sua defesa», ou «protecção». Em *difindemento,* por *-imento,* haverá dissimilação vocalica.

20-21. *dézima* «decima parte». Vid. a este respeito o *Elucidario,* s. v. «decima». Em *dézima* o *z* vale *c.*

---

[1] *Rev. Lusit.,* I, 64, e *Esquisse d'une Dialectologie,* pag. 128.

moravidiis. O *moravidil* não só era moeda arabiga corrente por este tempo entre nós, mas foi tambem moeda portuguesa.

dĩeiros «dinheiros». O *dinheiro* foi moeda antiga portuguesa. Lat. denariu-, que no latim iberico parece soaria *dinariu-: o *n* intervocalico nasalou o *e,* d'onde ficou *dĩeiro*> *dinheiro.* O *nh* intercalou-se como em *minha*<*mĩa, vinho*< *vĩo.* Com *dĩeiro* cf. o hesp. *dinero.*

remaserũ «restáram», «ficaram». Preterito perf. de *remaer* <**remãer*<lat. remanere, cujo pret. é remanserunt. O grupo NS reduziu-se a *s:* vid. pag. 34. A terminação *-erũ* no nosso texto está por *-erõ*=*-eron.* — O verbo *remaer* creio que não estava ainda archivado; junte-se pois a *maer,* estudado por D. Carolina Michaëlis na *Revista Lusitana,* III, 171 ss.

22. *sũ*=*sõ* ou *som:* «são», «estão». Cfr. lat. sunt.

auer mouil=(h)aver móvil: «bens moveis». O adjectivo *móvil* é latinismo: mobilis.

i «ahi». Lat. hic (outros propoem ibi).

pora «para». Ha outros exemplos nas *Inquisitiones* do Alto-Minho, I, 301, 309, etc. Tambem em gallego e hespanhol archaicos.

23. *manus* «mãos». Latinismo graphico.

27. *luctosas.* Nos documentos antigos tambem *loitosa, luctuosa,* etc. Certo direito que se pagava por morte de alguem: vid. *Elucidario* de Viterbo, s. v. «loitosa».

28-29. *depártiã* «repartam». Latinismo graphico: (de-)partiant.

29. *assi* «assim». Do lat. ad-sic. O *i* nasalou-se ulteriormente como em *sim*<de *si;* a nasal do moderno *sim* imita talvez a de *nom,* por estas palavras serem antitheticas.

derecto «justo». Latinismo: derectus. A fórma corrente era *dereito* (cfr. *Leges,* pag. 164 e 232), representada hoje na voz do povo em algumas regiões por *dreito;* cf. hesp. *derecho.*

uirẽ por derecto «julgarem justo». Cfr. *virem por guisado* na l. 70, e o respectivo commento.

30. *lis*=lhis «lhes». Vid. pag. 52.

aquesta «esta». Vid. pag. 57.

teiuer (= teiver). Assim parece, e não *teuier*. No ms. das *Inquisitiones* (sec. XIII), fls. 57 v. e 58 v., ha positivamente *teiue* e *teiuerẽ,* com *i* plicado. De *tenui(u)érit > *tenvier*. — Cfr. *seiue = seive* «foi» (por analogia) ib. 58 v.

31. *segũdo Deus* «segundo a lei de Deos», «conforme ao direito divino». [Vid. *Revista Lusitana,* IX, 17-18].

32. *meiadade* «metade». Do lat. medietate-.

aquelias = aquelhas. Hespanholismo: *aquellas.* Vid. l. 85.

33. *mouils* «móveis»: pl. irregular de *móvil* (l. 22), por *móviles.* — Cfr. ainda no sec. XVI *dóciles, estériles, fértiles,* etc.

a mia morte: «á hora da minha morte»; *a* é preposição.

exetes = excetes «excepto». Do lat. exceptis. Na origem *excepto* não era preposição como hoje, mas participio, e concordava com o nome a que se referia (ablativo oracional), por exemplo: «exceptos aquelles» [1]. Pelo hábito de se empregar *excepto* sempre nas mesmas circumstancias, e em frases como que estereotypadas, por exemplo *excepto isso,* tomou-se tal palavra como invariavel, e por tanto como preposição. É frequente as palavras passarem assim de uma categoria ou classe para outra. A cada passo empregamos adjectivos como substantivos, por exemplo *o sabio;* tambem empregamos adjectivos como adverbios, por exemplo, *custaram caro,* e infinitivos como substantivos, por exemplo *o prazer.* Em frases da lingoa familiar, como: «não fomos lá, devido aos calores», o participio tornou-se invariavel, e *devido a* tem a funcção de «por». São tudo casos de Semantica. A proposito ainda de *exetes* notarei que d'aqui se deduziu *exete* invariavel: «*exete* aquestas coussas» num texto antigo [2].

34. *uoontade* «vontade». Os *oo* são etymologicos: uoluntate- > **vo(l)ontade:* vid. pag. 33. — *Voontade por:* «para».

35. *nonas* «não as». Por *no'nas < nõ nas < nõ las.* Houve aqui dois phenomenos phoneticos: assimilação do *l* á na-

---

[1] Arraiz, *Dialogos,* 2.ª ed., pag. 6. Cfr. Moraes, *Dicc.,* s. v., e o meu opusculo *As «Lições de linguagem» do sr. C. de F.,* 2.ª ed., pag. 24-25.

[2] Citado por Cortesão, *Subsidios para um Diccionario,* s. v.

sal precedente, do que resultou *n;* e absorpção da nasalidade do *nõ* nessa consoante nasal. Com o segundo phenomeno cfr. *nonada* (pag. 65) e *nemigalha* (pag. 67); do primeiro tratei a pag. 61.

uuer=viier. Ou engano por *vier, viner=vĩer* (cf. *uinir=vĩir* na l. 104), ou de um *ueni(u)érit, que não sería mais estranho que o *uenui(u)i que explica o provençal *venguí,* e o *tenui(u)érit de pag. 91.

et «e». Latinismo graphico.

36. *ende* «d'ahi», «d'isso». Lat. inde. — Pleonasmo.

37. *solten* «separem». — O verbo *soltar* formou-se do participio *sôlto,* e este vem de *solitu-<>*solūtus; cf. *volta*<*uolita<>*uoluita<*volūta.*

dêuidas (assim, e não *devídas)* «dividas», como nas *Leges,* I, 232. Lat. debita. Cfr. hesp. *deuda.*

38. *remaser* «restar», «ficar». Futuro do conjunctivo de *remaer.* Vid. o commentario da l. 21.

façam en tres partes «façam d'isso tres partes», pois *en* é simplificação de *ende,* de que fallei supra, e está aqui, como alli, usado pleonasticamente, visto que já antes se lê *do que.*

39. *ontre* «entre». Tambem na *Vida de S. Nicolau,* ed. de P. d'Azevedo, pag. 2 e 4, e em gallego antigo *(Cronica Troiana,* II, vocab.). [Cf. Cornu, *Gram. der port. Spr.,* 2.ª ed., § 79].

42. *guisa* «maneira». Do germ.: wīsa. Cfr. pag. 37.

u quer que «onde quer que»: *u*<lat. ŭbi, cujo ŭ deu *u,* e não *o,* por influencia do *i* final *(Umlaut).*

43. *moira* «morra». Do lat. vulg. moria(t)<>moriatur. Os verbos depoentes latinos, como é morior, tomaram a fórma activa em romanço. — A terminação -oria mudou-se em *-ôira,* como em *seitoira,* de sectoria-. Se existem palavras como *gloria, historia, memoria, Victoria,* com *-ória,* é que ellas são de origem litteraria, introduzidas da idade-media para cá; o povo, ainda assim, diz *gloira* [1], *histoira, memoira (mi-*

[1] A par ha *glora* [vid. *Rev. Lusit.,* X, 90], *groria* (sec. XVI: *Archivo Hist. Port.,* I, 242), e com dissimilação *grolia* (sec. XVI: *ibidem,* IV, 59).

moira), Vitoira (nome de mulher), mas com *ói,* e não com *ôi,* como em *môira* e *seitôira,* palavras que datam da epoca lusitano-romana.

regno «reino». Outro latinismo graphico (regnum). Na mesma linha se lê porém a fórma normal.

aduzer «trazer». Lat. adducĕre, tornado adducére, pois que os verbos da 3.ª conjugação latina passaram geralmente uns para a 2.ª, como aqui, outros para a 4.ª

44. *per mias custas* «a minhas expensas», «á minha custa». *Custa* é substantivo verbal, correspondente ao verbo *custar,* que vem de co(n)stare.

48. *cabidóó* «cabido». Os *óó* são originarios, pois que o etymo é capĭtulu-. A palavra não provém da epoca romana, e tem pelo contrário origem ecclesiastica mais recente, como o prova o *i* de *capitulu-,* que é breve; se a palavra fosse primitiva, elle tornar-se-hia *e:* vid. sup. pag. 31.

séé «sé». De se(d)e-.

mille «mil». Latinismo.

49. *moesteiro* «mosteiro». A serie das fórmas foi (até hoje): *monisteriu-> *mõesteiro* > *moesteiro* > *mosteiro.* A fórma *monisteriu-, reclamada não só pelo português, mas por outras lingoas romanicas (francês *moutier,* provençal *monestiers),* provém de mouasterium por analogia com *baptisterium* (e *coemeterium,* pop. *cimiterium).*

51. *caonigos* < *cãonigos* «conigos» («conegos»). De canonicu-. Esta palavra é tambem semi-popular, como *cabidoo;* se fosse completamente popular, devia ter outra fórma.

52. *fazam* «façam». O verbo está impessoalmente.

53. *comemorazones* = *commemorações.*

54. *por sẽpre* «para todo o sempre», «perpetuamente». Uso de *por* em vez de «para».

56. *ata en mia morte:* «até a hora da minha morte». Em *atá en* temos duas preposições seguidas; cfr. *atẽna,* supra, pag. 63, e em latim *usque ad* (embora *usque* seja propriamente adverbio).

depos mia morte. Cf. latim *post mortem meam.* Hoje dizemos «depois de», com duas preposições.

57. *suso* «acima». Lat. sūsum *(sursum).*

58. *enos* «em os». Vid. pag. 61.

59. *maestre* «mestre» [1].

freire. Esta palavra, como varias outras, está ligada com a historia das ordens religiosas entre nós. Não póde ter vindo directamente do latim fratre-, pois que fratre- deu *frade* [2]. A origem directa ou indirecta está no provençal *fraire;* digo directa ou indirecta, porque póde ter servido de intermedio o hespanhol antigo *fraire* (mod. *fraile)* [3]. Os nossos documentos dos seculos XII e XIII apresentam *freire* (freyre), e com dissimilação do grupo *fr-,* tambem *fleire* [4]; o ditongo *ei* é evolução normal de *ai* [5]; ainda porém no sec. XIV ha *fraire* [6]. D'aqui

---

[1] [Cfr. *Rev. Lusit.,* IX, 30, nota 3]. — É mais natural explicar *maestre* como palavra importada de fóra, do que como formada de *magistre- por magistru- (influencia de nomes da 3.ª declinação: *pater–patrem* etc.); a fórma *maestre* em português e em hespanhol moderno (o antigo tem *maestro)* é unica em romanço. O *-e* do francês *maître* e do provençal *maistre, maestre,* explicam-se por *-u,* segundo as leis phoneticas d'essas lingoas. Já isso não succede em português.

[2] O lat. frater, fratre-, no sentido de «irmão», foi no lat. vulg. da Iberia substituido por germanu-, donde vem o port. *irmão* e o hesp. *(h)ermano.* A palavra *frade* foi certamente introduzida pela Igreja. Todavia no *Livro de Apollonio,* poema hesp. medieval, ha *fradre* no sentido de «irmão», no v. 591 *(Poetas anter. al siglo XV,* pag. 303), como Diez notou: *Et. Wb.,* 4.ª ed., pag. 459. Em um doc. latino-barbaro do mosteiro de Pedroso, do sec. IX *(Dipl. et Chart.,* pag. 7), lê-se já *iermana.*

[3] Cfr. Diez, *Et. Wb.,* 4.ª ed., pag. 452, e Baist no *Grundriss der rom. Philologie,* I, 2.ª ed., pag. 886.

[4] Vid. *Leges et Consuetud.* (nos *P. M. H.),* vol. I, pag. 497, 560, 578, 579, 665.

[5] Alguns tem explicado *freire* pelo francês *frère,* por exemplo André de Rèsende, *Hist. das antig. da cidade de Evora,* cap. XVI; mas mais natural é a explicação que acima se dá, por causa do hesp. *fraire* (e *fraile).* A nossa palavra é inseparavel da hespanhola.

[6] *Vida de Eufrosina,* ed. de Cornu na *Romania,* XI, 358.

vem o feminino *fraira* e *freira*. — Da França, relacionado com o monachismo, passou para cá tambem o vocabulo *monje*, e (como creio) *granja*, ambos elles existentes em provençal; com *granja* cfr. tambem o fr. *grange*. — De *freire* fez-se *frei* em proclise; de facto, *frei* só se usa antes do nome a que se refere. Syncope analoga se observa em *Castel-Branco*, *Fonseca*<Fonte secca, *Monsanto*<Monte Santo. — No onomastico da Beira ha *Càsfreires*<Casa dos freires [1].

61. *daquesta* = d'aquesta. Vid. pag. 57.

62. *nono* = no'no. Vid. o commento da l. 35. O pronome *no* está repetido pleonasticamente (complemento directo de *busque*), visto que já antes estava *o*. Cf. Epiphanio Dias, *Gram. port.*, § 250-*b*. — *Nono busque:* «não o reclame», «não o requeira».

nengũu «nenhum». Ao passo que *nenhum*, ant. *nenhũu*, se formou, já em português, da frase *nẽ ũu*, a fórma *nengũu* provém directamente de nec-unu-, que deu **negunu-*, e com nasalamento do *e* pelo *n-*, *nengũu*. Esta fórma é vulgar em textos antigos [2] (embora muito menos que *nẽũu*). Em Viterbo, *Elucidario*, s. v., e em J. P. Ribeiro, *Dissertações*, I, 284, vem *neguum;* se não ha falta de til (como parece), *neguum* seria intermedio a **negunu-* e *nengũu*. — Não se estranhe que na idade-media coexistisse *nengũu* com *nẽũu*, pois tambem agora a par de *nenhum* se ouve *nem um*. Por um lado o povo conserva expressões tradicionaes, por outro lado tradu-las na lingoagem que usa; é assim que hoje tanto podemos dizer *pelo* como *por o*, tanto *num* como *em um*. — Neste texto *nengũu* vale por «ninguem», analogamente ao que succede noutras lingoas romanicas. [Cf. *Rev. Lusit.*, IX, 60]. Tambem em latim se usa *nullus*, em certas circumstancias, por *nemo:* vid. Madvig, *Gram. lat.*, § 91-5.

---

[1] Cf. *Estudos de Philolog. mirandesa*, I, 445 (-446), nota 11.

[2] *Leges et Consuet.*, pag. 205, 206, 439; cf. Figanière, *Mem. das rainhas*, pag. 278.

63-64. *tércia* «terça». Latinismo; cfr. *tertia* nas *Inquisitiones,* I, 295 e 385, em docc. portugueses.

cinque «cinco». Do lat. quinque, dissimilado em cinqué, que já se lê numa inscripção da Lusitania hespanhola, do sec. VI [1]. Hoje dizemos *cinco,* com *-o,* por influencia do *-o* de *quatro.*

den «dêem». Lat. dent. Hoje dizemos *dêem,* que é propriamente um falso plural de *dê;* de modo semelhante o povo baixo e a gente pouco culta de Lisboa dizem *hadem* «hão de», a par de *handem.* A mesma explicação tem: *vêem,* falso plural de *vê; vẽem,* isto é, *vẽem,* falso plural de *vem;* e *têem,* isto é, *tẽem,* falso plural de *tem.* Do latim vident, *venent (por veniunt) e tenent veio realmente *veem, vẽem* e *tẽem* em português archaico; mas os digraphos reduziram-se depois a *e,* d'onde resultou *vem* (de *ver), vem* (de *vir),* e *tem.* Depois o povo, julgando que formava melhor o plural, fez outra vez *vêem, véem* (ou *vẽem),* e *têem* (ou *tẽem);* quem usa estas fórmas e *dêem,* commette pois o mesmo plebeismo que quem usa *hadem* ou *handem.* Todavia *vêem* (de *ver)* e *dêem* mal podem já evitar-se, ainda que eu tive um professor de Medicina que dizia na aula aos discipulos: «os senhores *vem*» por *vêem;* mas *tém* e *vém* devem continuar a usar-se, porque essa é a pronúncia corrente.

64. *geitar* «deitar». Do latim iactare. O grupo consonantico CT deu *it* (vid. pag. 34). De **jaitar* passou-se para *jeitar,* como de **faitor* < factore- para *feitor.*

66. *tẽpleiros* «templarios», isto é «cavalleiros da ordem do *Templo* (de Jerusalem)». Variante phonetica é *tempreiros.* Vid. sobre este assunto: Viterbo, *Elucidario,* s. v. «tempreiros»; Bluteau, *Vocab.,* s. v. «templarios»; Gama Barros, *Hist. da administração,* I, 360 ss.

espitaleiros: cavalleiros da Ordem do Hospital, tambem chamados *de S. João de Jerusalem,* e depois *cavalleiros de Malta;*

---

[1] Hübner, *Inscriptiones Hispaniae Christianae,* n.º 22. O texto diz: SEPTVAZINTA ET CINQV·

hospitalarios. Cfr. Gama Barros, *Hist. da administr.*, I, 365 ss. —Nos documentos antigos encontra-se a cada passo *espital* «hospital» [1]. —A evolução phonetica foi: *(h)ospital* > *spital* > *espital*. O povo diz frequentemente *sprital* (com *r* epenthetico, por influencia do de *sprito* «espirito»), fórma que provém de *spital*, ou esta represente a que citei acima, ou seja modificação de *espital*. — Ha outras palavras em que oscilla *os-* com *es-* e *-s*, como: *escuro* > obscuru-, *esmar* < > *osmar* < aestimare. A explicação d'estes factos não deve ser a mesma para todos. Em *escuro* podemos ver confusão com o prefixo ex-, que deu *es-*; em *spital* haveria quéda de *o-* por confusão com o artigo, e depois prosthese normal de *e-*; em *osmar*, o *o* resultará de labialização do *e-* pelo *m*. Cf. alem d'isso *estao* e *ostao* (por ex. em *Paço dos Estaos*).

69. *oméés d'ordin* «religiosos», «frades». *Oméés* = *omẽes* < (h)omi(n)es, com nasalamento do *i*, devido ao *n*. — *Ordin* é fórma litteraria < ordin(em); cfr. *Leges*, I, 231.

70. *assi come* depende syntacticamente de *den*.

guisado: conveniente, justo. A expressão *ver por guisado* apresenta a mesma construcção syntactica que *ter por conveniente*, como hoje dizemos (cf. Epiphanio Dias, *Gram. part.*, § 121-*a*, obs. 1); *por guisado* é nome predicativo de *dar*, que se subentende, ou de *fazer*, se antes se quiser empregar o verbo vicario [2], isto é: *den aos oméés d'ordin.. e aos lei-*

---

[1] Por exemplo: nos *Ineditos da Academia*, IV, 585; n*O Instituto*, XLVI, 1008. Seculo XIV.

[2] *Verbo vicario* (do latim vicarius «substituto», derivado de vicis) é o que se emprega para evitar a repetição de outro já empregado, por ex.: «desejo lá ir, mas não *o faço* hoje». Vid. varios exemplos em Moraes, *Dicc.*, s. v. «fazer» (a pag. 16, col. 1.ª, na 4.ª ed.). Ao assunto se referiu tambem o Dr. Mario Barreto nos *Estudos da lingua portuguesa*, Rio de Janeiro, 1903, pag. 97 ss., onde a par com o português cita o francês. [De uso semelhante em italiano (no *Tristano véneto)* tratou G. Vidossich nos *Bausteine zur romanischen Philologie*, Halle, 1905, pag. 162 ss.]. — Isto acontece tambem em

gos.. assi com'elles viren por guisado [sc. *fazer*].—Tanto *ver por guisado* como *ter por conveniente* são construcções de origem latina: *pro certo scire, pro infecto habere.*

73-74. *e mãdo que aqueste auer.. que o téniã.* Repetição pleonastica de *que,* como em 78-9. [Cf. *Rev. Lusit.,* IX, 57].

cũ = *cum* «com». Latinismo orthographico.

75. *a dia de mia morte* «ao chegar o dia de minha morte»; *a* é preposição como em 104: *a mia morte* «a hora de minha morte» (hoje dizemos *á hora).* Cfr. a frase moderna: *a principio.*

76-77. *e dos que reuora nõ ouuerẽ.* Ordem inversa, provocada pelo *reuora* antecedente.

78. *quen quer que.* Pronome composto: vid. pag. 66.

79. *departir* «repartir».

81. *asunar* = *assũar* «reunir». De ad-su(b)-un-are: vid. D. Carolina Michaëlis na *Rev. Lusit.,* I, 125-126.

84. *os chus muitos per nõbro* «a maioria». Litteralmente: «os mais por numero». *Chus* < plus «mais»; *chus muitos* é comparativo; *nõbro* < nŭmeru-. A fórma *nõbro* é regular: cfr. *ombro* < ŭmeru-, e o francês e provençal *nombre;* essa fórma foi porém ulteriormente substituida pelo latinismo *número,* com o qual o povo tambem depois não se aveio, porque a transfórma em *númaro* (como na Galliza) e *numbro.*

daqueles: a respeito d'aquelles.

85. *an a departir* «hão de repartir» ou «devem repartir». Infinitivo regido de *a,* depois de *(h)aver,* como nas ll. 89 e 93-94.

aquelias. Vid. o commento da l. 32.

90. *demorancia* = demorança «demora» (com *-ancia* por latinismo directo, ou por hespanholismo: cfr. *matançia* e *demonstrançia* no *Livro de Alexandre,* est. 268). De *demorar.*

91. *lis* = lhis. Refere-se aos que hão de dar comprimento ao testamento, ou testamenteiros, mencionados antes.

---

lingoas não romanicas, por exemplo, em inglês *(to do):* cf. Julio Moreira, *Gram. inglesa,* 6.ª ed., § 336-a-4.

94. *empero*. Parece ter o sentido de «por isso».

97. *lis*. Refere-se aos arcebispos e bispos das ll. 94-95.

99. *teuerẽ*. Vid. l. 30 e o commento, e l. 108.

100. *rogo* [*o*]*s arcebispos e os bispos*. Vid. a annotação ás ll. 16-17.

101. *prego*. «supplico». De precare (que apparece nos auctores da decadencia; a fórma classica é *precari*).

rogo e prego. Propriamente *rogar* «pedir por favor», *pregar* «fazer oração», «supplicar». Empregaram-se dois verbos synonimos um do outro para se reforçar o pedido da graça que o rei desejava do pontifice.

103. *piadade* «piedade»: pietate-. Ainda actualmente popular.

cõprida e aguardada. Outra expressão synonimica, pois que *aguardada* quer dizer «guardada», «comprida». Origem germanica: *warda «observação»; *w*>*gu* (vid. pag. 37).

104. *nengũu nõ ágia*. Em português antigo repetia-se *nom* depois de uma negação, contrariamente ao uso da lingoa moderna: hoje diriamos *ninguem haja*. [Cf. *Rev. Lusit.*, IX, 63].

uinir=vĩir: lat. uenire «vir».

106. *mãdo aqueles caualeiros*. Ou o verbo *mandar* está transitivamente, ou *aquelles* se entende por *àquelles*=a aquelles, como nas ll. 79 e 80 *aquestes*=*àquestes*=*a aquestes*.

107. *teen*=tẽem: tenent. Vid. o commento ás ll. 63-64.

nas terras que de mi teem os meus riquos omées. «O *rico-homem* era o funccionario regio mais elevado de cada uma das circumscripções menores em que o reino se dividia; e ao districto a que se estendia a sua auctoridade, administrativa e militar, dava-se o nome de *terra*» [1].—Em *riquos* temos

[1] Gama Barros, *Hist. da administração publica*, I, 395-396. Vid. tambem Herculano, *Hist. de Portugal*, t. III, 5.ª ed., pag. 304. E cf. os meus *Estudos de Philol. mirand.*, I, 36-41.

-quos em circumstancia em que hoje empregariamos *-cos* (nos textos latinos da idade media é frequente: *riqus omo, riqui homines).* Na orthographia antiga usava-se *qu-* com o valor que hoje damos ao simples *q* ou *c:* o *u* como que fazia parte da letra; se depois d'essa guttural queriam expressar uma vogal labial, repetiam-na, como vimos acima *(riquos).* [Cf. *Rev. Lusit.,* IX, 50]. — Tambem se encontra nos docc. *ricomem.*

109. *denos* = *de'nos* «dem-nos».

116. *novea* < *novẽa* «nona». Do lat. novēna. Emprega-se o distributivo em vez do ordinal (nona).

118. *tercia dezima.* Latinismo.

118-120. *facer guarda* = guardar. Aqui o infinitivo *facer* = *fazer* tem apparencia de valer por imperativo, mas realmente depende da ideia de *mandar,* contida na mente do testador, para não dizer que está expressa na l. 111: *mandei fażer treze cartas..; a tercia dezima* (mandei) *fazer guarda en mia reposte.* Modos de dizer analogos se encontram num documento de D. Denis, n*O Instituto,* vol. 46: «e todo vezino de vila Real *nom hyr* em anuduva» (= não deve ir), pag. 944; «e todo homem que quyser vyr morar a vila Real *nom no embargar* nemguum» (= não no possa embargar), pag. 945; «que as levem a esse meu castelo de vila Real e dali *as comprar* quem as quiser» (= as possa comprar), pag. 947, etc. E ha outros textos onde se observa o mesmo phenomeno.

reposte (subst. fem.). Moraes, *Diccionario,* dá-o como masculino, e define-o «casa de guardar móveis». — Cfr. hesp.. *reposte* (masc.). — Provavelmente, tanto o português como o hespanhol vieram do francês archaico *repost* «appartement secret», substantivo participial de *repondre* [1]. Proponho esta explicação, porque a vogal final de repositu- não dava normalmente *-e* nem em português, nem em hespanhol. A par de *reposte* ha

[1] Usado, por exemplo, nos *Miracles de Nostre Dame,* ed. da *Soc. des Anciens Textes:* vid. t. VIII, pag. 214.

tambem em português antigo *reposta,* como se vê da *Chronica do Infante Santo* de Fr. João Alvarez (sec. XV), onde este diz, fallando de um servidor do Infante: «Christovão Alemão, homẽ *da reposta*» [1]. Entre *reposte* e *reposta,* ha, quanto á fórma e quanto ao genero, a mesma relação que entre *açude* e *açuda.*

IIII^{or} dias por andar de Junio «26 de Junho». Cfr. Viterbo. *Elucidario,* s. v. «andado». Imitação do uso romano. — *Quatuor* ou *quattuor* mostra como os escrivães viviam dentro das fórmulas latinas.

*

Neste importante documento encontramos como principaes phenomenos de grammatica: os digraphos *aa, ee,* etc., resultantes de syncope de consoante; *vĩir; ĩ* + vog.; *-om; -ã* atono; absorpção de nasal, em *no'nas, de'nos;* o comparativo *chus muitos,* os numeraes *cinque* e *novea* (ou *novẽa);* os pronomes *mi, el, mia, sa, enos, ũu, nengũu, aqueste:* as flexões verbaes *som, forom, remaser, dciver* ou *devier, teiver, den, moira, temente;* as particulas *assi, ata, empero, u,* etc.; expressões como *ata en, voontade por, a dia, fazer guarda,* e inversões e pleonasmos. Entre os vocabulos que hoje não se usam, ou tem outra fórma ou accepção, deparam-se-nos: *aduzer, assũar, caonigo, dereito, dêvida, exetes, madre, meiadade, nombro, ordim, proe, remaer, revóra, sémel.*

Talvez o testamento fosse escrito por um Hespanhol que sabia bem o português, mas que apesar d'isso deixou, pela fôrça do habito, transparecer alguns hespanholismos: assim se explica a fórma (repetida), que acima assignalei, *aquelia* = *aquelha,* á qual acrescentarei *Galicia.* Cfr. tambem *gracia, folgancia, demorancia, si.* — Attribuo a causa semelhante os hespanholismos que igualmente se lêem em documentos portuguezes do sec. XIII publicados no *Archivo Hist. Port.*, IV, 41 (n.^{os} III e IV).

---

[1] Vid. fl. 112 da 2.ª ed. (1577), que existe na Bibliotheca Nacional de Lisboa. A 1.ª ed. é de 1527, mas não se conhece d'ella hoje exemplar nenhum: vid. Mattos, *Manual bibliogr.,* pag. 17.